

Venda Proibida

AMON

Arca Máxima
Dreams

© AÇOUGUEIRO DA
YAKUSA



LIVRO SEM

Edição LSC



CUSTO
Venda Proibida



Edição: Livros Sem Custo (LSC)

Prólogo



Amon estava sentado na sala de espera do cartório, olhando ao redor com uma expressão neutra, mas por dentro, uma sensação de desconforto e irritação o consumia. Ele preferia estar em qualquer outro lugar do que ali, lidando com questões burocráticas sobre seu casamento.

Casamento que não queria, nem mesmo tinha ido



conhecer a noiva. Se casava porque jurou obedecer ao seu oyabun, o seu líder supremo da yakuza, era só por isso que iria se casar.

Enquanto esperava, Amon não podia deixar de sentir uma grande irritação por ter que usar o aparelho auditivo. Para ele, não era uma questão de vergonha ou preocupação com opiniões externas, mas sim de desconforto com a necessidade de depender desse dispositivo para se

relacionar com o mundo exterior.

Ele podia ler lábios muito bem, mas em um lugar como aquele, as pessoas não falavam olhando no rosto, até, porque olhar nos olhos do açougueiro da yakuza, não era fácil, mesmo que não soubessem quem ele era, parecia que as almas daqueles que mandou para o “nada” assustava as pessoas..

Odiava a ideia de ter que



dar o seu nome e dar também um lar para um desconhecida.. e para isso, ainda ter que sair de seu lugar de trabalho, para preparar um casamento.

Preferia a companhia silenciosa dos mortos, do que estar cercado de pessoas, nem gostava de pessoas, essa era a verdade.

Ele preferia a familiaridade e o conforto do seu próprio espaço, e estar cercado por pessoas

desconhecidas só aumentava sua irritação e raiva por aquele casamento imposto.

Enquanto aguardava sua vez no cartório, Amon tentava manter a calma e a compostura, mesmo que por dentro estivesse ansiando por deixar aquele ambiente o mais rápido possível. Ele sabia que essa era apenas mais uma tarefa a ser cumprida, mas isso não diminuía a sua aversão ao mundo exterior e às suas demandas.



Ao menos poderia se casar em um cartório, não necessitava de uma cerimônia religiosa tradicional japones@, ao menos isso.

Olhou o documento da sua futura esposa, tinha a certidão de nascimento, Mori Ikeda..

A filha do gerente Kazuo Ikeda, gerente esse que foi burro o suficiente em roubar Saiko Nakamoto.. Só gente estúpida roubava a Yakuza..

E agora?



Agora, Amon também pagava a sentença do oyabun, era obrigado a se tornar um marido, quando não servia nem mesmo para ser um namorado ou noivo.

Amon era a punição do gerente, mas também Amon era a punição e o pesadelo de Mori Ikeda.

E ele só desejava continuar sendo o açougueiro da Yakuza, aquele que terminava o trabalho sujo, que retalhava a carne dos

inimigos até que não restasse nada, aquele que destroçava os ossos, até que nada fosse real.

E agora?

Agora precisava receber uma mulher em seu local de trabalho, uma mulher que não fazia ideia do que a esperava, e a perda auditiva do açougueiro era o menor dos problemas que Mori Ikeda enfrentaria.

Edição  LSC

Medo



Mori arrumava a mala, mas estava quase desistindo por causa das lágrimas que não paravam de escorrer, não que ela fosse uma dessas mulheres que choravam o tempo inteiro, mas quem ela queria enganar?

Estava magoada com o pai, muito magoada, por culpa dele estava se casando com um completo estranho, tinha sonhado em se casar com

amor, em se entregar para
alguém que amasse, e agora,
porque o pai roubou,
precisava se casar para salvar
a vida do pai..

Mas podia ser pior,
amava o pai, se ele morresse
seria ainda mais dolorido, não
queria ficar sem ele, mas
mesmo assim, estava
magoada.

Secou as lágrimas, e
terminou de colocar as roupas
na mala, nem tinha muitas
roupas, porque não

necessitava, usava sempre uniformes da escola feminina em que passava a maior parte do tempo, e ainda assim amava o pai..

Terminando, saiu arrastando a mala..

Algumas meninas vieram se despedir.

A freira principal a abraçou.

– Vão no meu casamento?

– Não tivemos

permissão, porque..

Mori esperou o motivo:

– porque o seu noivo, não quer convidados e parece que ele é alguém com um cargo alto na Yakuza, meu pai disse que o melhor, era eu me afastar de você.. Mori.

– mas somos amigas, crescemos juntas aqui.

– Eu sei, mas ele quem paga e controla as contas de telefone. Disse que se eu ligar, me manda para o Japão, para

me casar com um primo distante, e não quero isso.

Mori entendeu.

– Adeus, Nizi..

— Adeus, boa sorte, e tente ser forte, se eu encontrar um telefone diferente, pego emprestado e ligo, prometo. Amo você, Mori, só não quero me casar lá fora, e viver afastada.

– Eu sei, está fazendo o certo. Eu que não tenho escolha.

- Queria poder ajudar,
mas..

- Não pode me ajudar,
fique bem, que eu fico feliz,
por isso. — Mori disse, não
era porque ela corria risco de
ser infeliz, que desejaria que a
amiga fosse.

Mori terminou de se
despedir..

Saiu chorando, chorava,
nem era por ter que sair da
escola, afinal, já tinha
terminado o colegial, chorava
por ter que enfrentar o noivo,

noivo esse que só conhecia o primeiro nome.

O noivo se chamava Amon, e o nome parecia forte como o personagem de uma saga que assistia, onde Amon, era um demônio.

Desceu a rampa do colégio, o pai estava lá fora, pegou a mala e colocou no porta malas. Ainda tentou segurar as mãos dela, mas Mori se afastou.

– Minha filha.

– Não fale comigo,
papai.. Estou magoada. Você
devia me proteger..

– Eu tentei, disse ao
oyabun, que preferia que me
matassem, a entregar você
para Amon, mas ele está me
punindo. Nem foi tanto
dinheiro assim, nem foi.

– mas foi o suficiente
para me condenar ao inferno,
pelo resto de minha vida, não
foi?

Kazuo ficou em silêncio.

– Está tão calado, porque Amon é r**m, não é? bem mais do que as pessoas dizem.

– Ele.. – mas o pai resolveu não dizer. __ É melhor não falarmos sobre isso.

– O pai de Nizi a proibiu de falar comigo, porque vou me casar, não querem confusão com ele. Eu nem me casei e já estou sendo punida, papai.

O pai ficou em silêncio.



– Não vai dizer nada?

– Disse para eu não falar com você, minha filha. E precisar parar com essa mania de perguntar demais, não pergunte o que não é da sua conta ao seu marido, não pergunte e tudo fica bem.

Ou menos pior, foi o que Kazuo pensou, estava mais arrependido do que já esteve em toda a sua vida, pois entregava sua menina para um louco que nem mesmo respondia quando falavam

com ele.

Ele era alguém que vivia nas sombras, que não precisava de uma cama, ou de uma coberta para dormir, porque se aquecia no sangue dos inimigos.

Kazuo estacionou em casa, Mori desceu do carro, entrou em casa e foi se sentar na mesa da cozinha.

– O seu quarto está limpo..

– Não vou entrar nele,



não vou. Assim, a saudade vai ser menor, já basta a saudade das amigas da escola, papai. Qual o sobrenome dele?

– Não sei, acho que só o oyabun sabe. Ele pouco aparece, quando aparece não fala com ninguém, minha filha, é calado e acho que não tem família.

– Pode me levar para comprar uma roupa? Quero ao menos estar bonita.

– Levo, vão se casar no cartório, mas a esposa do

oyabun vai oferecer um jantar no mesmo dia, e precisam estar lá..

Mori fez um gesto de obediência, se tratando do oyabun, era sempre melhor obedecer, os boatos diziam que ele só era bom com a esposa e os filhos, o resto das pessoas, tinha o pior dele.

E Mori desejou que Amon também fosse assim, que ao menos com ele, ele pudesse ser bom, ao menos que ele não usasse violência para a

fazer cooperar.

Mori pegou um livro, ia ler, mas uma tia dela chegou e a abraçou.

– O seu pai pediu para eu vir conversar com você..

Aquela conversa.

– Eu sei tia, sei muito bem o que acontece entre um homem e uma mulher, não precisa dessa conversa. Evita constrangimento para nós duas.

– Sabe o que acontece,



mas vamos combinar uma coisa? Não seja tão espirituosa . Homens não gostam de mulheres que resistem na cama.

Mori abriu a boca..

– Está me dizendo, que mesmo que eu não queira, tenho que dizer sim?

– É melhor dizer sim, e sem bem tratada, do que dizer não e ser machucada minha filha. – Nai afirmou.

– Isso é Estupro, tia,

mesmo ele sendo o meu
marido, ele não tem o direito
de me obrigar, tem?

– Oh, meu amor, eu
queria dizer que não, mas nem
mesmo sabemos onde ele
mora, entende? Vai estar
sozinha com ele, então o
melhor, é tentar ficar bem, não
por resistência, talvez te
mantenha bem, e faça ele ser
bom.

O estomago de Mori
embrulhou..

Foi atrás do pai..ia falar

com o noivo.. não podia ficar com essa dúvida.

– Pode me dar o telefone dele? O telefone de Amon. —
Ela pediu em um fio de voz.

– Não tenho filha.

– Como não tem? ele vai ser o seu genro e não tem o telefone dele? Estão na mesma organização..

– Não tenho, ele só se comunica com Saiko, só com o oyabun, e ele não passa o contato.

Amon só respondia mensagens, assim, não precisava do aparelho auditivo..

Mori foi se sentar no sofá.

Apertou o coração que doía, era medo, medo do marido que o destino lhe arrumou.



Revolta



Mori estava sentada na sala de casa, em completo silêncio, o pai tinha tentado alguma aproximação, mas ela estava magoada e se recusava a deixá-lo ficar muito perto.

– Vamos comprar a roupa para o casamento, minha filha?

– Mais tarde, papai..
Preciso respirar um pouco

mais.

– Mori, me prometa que não vai enfrentar Amon? Não o enfrente, minha filha. Isso pode significar sua sobrevivência.

Mori deu um sorriso sem fé para o pai. A manter segura era o papel dele, era o papel de um pai.

– Eu jurava que o senhor me protegeria, de tudo, mas me entregou nas mãos de alguém que todos temem. Ainda quer que eu jure alguma

coisa..

– Mori. Eu só quero saber que vai estar viva, minha filha, para poder dormir bem.

Entende?

– Pois desejo que não durma bem, nunca mais papai, porque tem que dormir bem? Se eu posso estar sendo obrigada a suportar intimamente um homem que vai me machucar ..

O pai a encarou.

– Desculpas, papai. Só

estou magoada e nervosa.
Não desejo isso, não desejo
que passe as suas noite em
claro, mas a verdade é que
estou com medo dele..

– E esqueceu o respeito
que me deve..por causa
disso? Não devia ter permitido
que estudasse, isso fez com
que esquecesse que sou seu
pai.

– Não esqueci. Vou me
deitar lá fora, um pouco.

Mas Mori pensou que
talvez, o pai tivesse esquecido

que era sua filha. Ia saindo para fora, mas a voz de Kazuo a deteve.

– Não pode se deitar lá fora.. Tem homens do oyabun caminhando lá fora.

Estavam sendo vigiados como dois traidores.

— Vou ficar lá só por alguns minutos..

– Mori precisar ser mais obediente. O enfrentamento, não é uma boa arma.

– Eu sei e não vou

enfrentá-lo, mas não vou viver o resto da minha vida sofrendo.. papai, prefiro morrer, a viver isso. Pulo de um prédio, quando o senhor menos esperar.

Kazuo desistiu de conversar com a filha. Ela sabia bem demonstrar quando estava magoada e com raiva, tinha herdado essa característica da mãe, mas isso era preocupante, a filha faria besteira e o açougueiro se irritaria.

Mori viu quatro homens caminhar, mas não se importou. Um deles se sentou no banco de uma pequena katana escorregou do bolso, era uma espécie de miniatura, provavelmente usada para cortar frutas ou outros alimentos, por isso o soldado não percebeu que caia.

Esperou que o soldado se levantasse e caminhasse, quando aconteceu, ela correu e pegou a arma.. Talvez aquilo lhe fosse útil, não sabia usar,



mas queria ao menos se sentir um pouco segura.

Guardou a arma na sua mala e foi atrás do pai, era hora de comprar o que usaria no seu casamento, afinal , não podia fugir.

O pai aguardou ela escolher a roupa, escolher um conjunto branco com flores coloridas. Era uma look bonito e despojado, ela pagou por tudo como cartão do pai. E voltou lentamente para o carro, mas desistiu no meio

do caminho, deixou o pai esperando e foi caminhar na praça.

Caminhou até escurecer, depois disso pegou um táxi e voltou para casa.

O pai estava desesperado quando ela entrou..

– Quer me matar do coração, Mori. Isso é demais?

– Só fui caminhar, papai. Estou de volta..

– me deixou quatro esperando.. Procurei por você



e não a achei.. Como faz uma coisa dessa?

– Papai.. Escute. Se ele, se Amon me obrigar..

– Mori, pare com essa conversa.. Não devia nem falar sobre isso na minha frente.

– Se ele me forçar, eu o m@to. Se eu não tiver forças para o mat@r, eu ao menos morro tentando, mas não vou viver com um homem capaz de um ato desse, não vou.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Amon o Acougueiro da Yakuza Aria Marti..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).